

Artigo

CARLOS ALBERTO DOS SANTOS, professor visitante sênior, Instituto Mercosul de Estudos Avançados - UNILA (cas.ufrgs@gmail.com)

A sexagenária Feira do Livro de Porto Alegre

Visitei a Feira do Livro de Porto Alegre pela primeira vez quando ela completava 22 anos de existência. Aqueles 17 dias de 1976, entre a última sexta-feira de outubro e o segundo domingo de novembro deixaram-me extasiado. Jamais tinha visto algo parecido no Brasil. No Rio de Janeiro, onde morei entre 1970 e 1973, de vez em quando se organizava uma feira de livros, com data e local variáveis. Ora na Cinelândia, ora em Ipanema ou Leblon. A hoje famosa Bienal Internacional do Livro de São Paulo também apresenta esse tipo de inconstância, tão característico de nosso jeitinho de ser. Em 1951, a Câmara Brasileira do Livro organizou a primeira Feira Popular do Livro, na Praça da República. A experiência foi retomada em 1956 e deslocada para o Viaduto do Chá. Em 1961 foi organizada a primeira Bienal Internacional do Livro e das Artes Gráficas, evento que se repetiu em 1963 e 1965. Somente em 1970 é que surge a Bienal Internacional do Livro de São Paulo. A charmosa Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), criada em 2003, recém completou 10 anos de existência.

Portanto, a Feira do Livro de Porto Alegre é única no Brasil, em seu formato, na longevidade e na constância de data e local de realização. Sempre ocorre entre a última sexta-feira de outubro e encerra no segundo domingo de

novembro. E faça chuva ou faça sol, sempre foi instalada na Praça da Alfândega. E como chove na primavera dos gaúchos! Prato cheio para atizar a criatividade dos arquitetos em busca de toldos protetores. Cada ano uma nova proposta a ser detonada pelo aguaceiro, até que há 5 anos chegaram a uma solução duradoura, e muito bonita.

Naquele ano de 1976, foi a primeira vez que Mário Quintana participou de uma sessão de autógrafos. Sempre admirei esse anjo disfarçado de homem, como a ele costumava se referir Érico Veríssimo, e inúmeras vezes o segui, disfarçadamente, como se fosse um circunstancial eventual sob as sombras dos jacarandás, que tão apropriadamente adornam a Feira. Mãos trançadas à altura do peito, jornais e livros debaixo do braço, lá vai o poeta entre as barracas como se sozinho estivesse, no mais completo "anonimato". Anonimato entre aspas, porque observado e não incomodado pelo singelo respeito que de todos merecia.

Na Feira de 1994, esbarramos em Olívio Dutra, também perambulando entre as barracas. Liana insistiu, pede um autógrafo! Meio sem jeito, estendi uma biografia de Gustav Mahler e fiz o pedido em nome de nossa filha. Um abraço carinhoso à Clarisse, foi a mensagem deixada pelo ilustre militante do PT, que viria a ser prefeito de Porto

Alegre e governador do RS.

Inicialmente a Feira ocupava apenas a Praça da Alfândega, um espaço equivalente à nossa Praça André de Albuquerque. Ano a ano foi se expandindo e tomando conta dos prédios públicos no entorno: o Museu de Artes do RS (MARGS), o antigo prédio dos Correios, hoje Memorial do RS e o Santander Cultural, entre outros, até chegar ao Cais do Porto. Na típica modéstia gaúcha, dizem que agora vão tomar conta do rio Guaíba. Do seu nascimento em 1955, testemunhado por 14 barracas e um punhado de porto-alegrenses, a Feira chega aos seus sessenta anos, ocupando uma área coberta de 8 mil m² e mais de uma centena de barracas. Ao longo da linha do tempo e em volta das barracas, muitas histórias a contar, sobretudo por parte do frequentador mais característico, aquele que ataca os "balaaios", com saldos a preços irresistíveis. Alentadas biografias de Gauguin, Picasso, Robespierre, Toulouse-Lautrec, entre outros, por 4 reais! Qual uma ave de rapina, esse frequentador avança no primeiro dia da Feira para abocanhar as melhores ofertas, e depois vai bicando aos poucos, dia a dia, em busca de raridades que porventura tenham escapado à primeira investida. Os melhores "balaaios" são disputados a civilizados empurrões e "chega pra lá". Tudo por uma boa causa.